

QUINTA-FEIRA
Lisboa--21 de Fevereiro--1929

ca
no Sr.
Alvarenga
A Brito Capelo,

12-0 5-
STOES
18888888

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **144**

fi **RE** **semanário**
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR & EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



Não são positivamente dois canivetes, apesar disso alguém se cortou... e o cão não ladrou.



Os ditos da semana



A primavera Que chegaram as andorinhas? Deixa-las chegar, que vieram enganadas.

As andorinhas, como nós, regularam-se pela folhinha e aconteceu-lhes o que a nós nos acontece quando confiamos demasiadamente no Borda d'Água e saímos sem guarda-chuva: apanharam uma carga de água e uma primavera que parece um inverno autentico e sem mistura.

Uma vez por outra, ainda o sol espreita por entre nuvens, mas é só para saber se ha andorinhas pela terra e para as desancar com uma tempestade, sem ao menos gritar como faz a nossa criada, quando despeja o balde para a rua: — Agua vai.

Com o tempo que faz, já nem andorinha se pode ser, a não ser que as andorinhas passem a andar de *passemontagne* e chapéu de chuva, o que não é nada comodo para voar.

Por isso quando o céu se entrovisca, o sol escurece e começa a chover, as andorinhas dobram a aza no gesto de quem é de barro das Caldas e diz lá com os seus botões:

— Marrocos... que viemos antes de tempo.

Os painéis O sr. dr. José de Figueiredo, recitou na Academia das Sciencias a segunda edição do seu livro «O pintor Nuno Gonçalves».

Toda a gente se admirou de que o sr. dr. José de Figueiredo não aproveitasse a ocasião para apresentar uma edição correcta e aumentada da sua obra. Mas não, o sr. dr. José de Figueiredo disse que sim, que as tabuas são de Nuno Gonçalves, que a figura central é São Vicente, que o altar é outro, que corvos não havia naquele tempo, que navios também não e que quem não acreditar no que ele diz é um pateta. Disse, emfim, tudo o que já tinha



— Razão tinha a minha mulher quando eu dizia: Olegario, é preciso que mudem os tempos.

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

dito na primeira edição, naquela edição muito bonita que apareceu impressa em vez de recitada como esta da Academia das Sciencias.

Pois nós ainda não vemos nada: nem a sigla de Nuno Gonçalves, nem as palmas para o sr. dr. José de Figueiredo.

Sevilha Nunca se viu uma coisa destas. Porque ha uma exposição em Sevilha, varre-se a casa em Lisboa. Se não fosse Sevilha, o lixo chegava ao céu, ainda não se tinha lavado a cara aos edificios publicos e ainda o Terreiro do Paço não tinha dado um passo para se modernisar. Se não fosse Sevilha não havia dois hotéis de luxo na cabeça dos seus proprietarios, não havia candieiros na Avenida, não havia estradas reparadas porque a reparação das estradas é para iaglez vér, para o estrangeiro reparar que estão reparadas.

Com mais meia dúzia de exposições lá fóra, haverá aceio cá dentro, emfim.

Vo facil Lindberg vae casar. Esta noticia espalhou-se na America, justamente no momento em que a população se encontrava dominada por formidavel angustia, em virtude de ter constatado que o heroico aviador se perdera em viagem para o Mexico. Mas horas depois Lindberg chegava a Yucatan. Estava são e salvo. Escapara da viagem, mas perdera-se por uma mulher com quem vae casar tão terrenamente como nós que andamos, sem azas e com botas de polimento, fazendo o Chiado.

Mas a America recebeu a noticia do casamento com manifesta surpresa porque a noiva não era, como se dizia Elisabeth Morrow mas sua irmã Ana Morrow.

Os americanos, os praticos americanos não viam que um aviador que vóa da America para a Europa, mais facilmente pode voar de uma irmã para outra.

Quaresma Varridos os ultimos papelinhos,

remetidas ao caixote do lixo as bisnagas vazias, entra-se francamente na quaresma, não com a cabeça coberta de cinza, á maneira da biblia, mas com o cabelo empoado pelas cocotes de serradura e as pernas estafadas pelos bailaricos. Faz cada um seu exame de consciencia e vae á confissão, vae desobrigar-se, lavar a alma de pecados, como um lavrador que despeja o celeiro, antes da colheita, para o tornar a encher.

Energia vegetal Uma comissão, oficialmente nomeada, propõe-se estudar as fontes de energia vegetal, que são, como se sabe, as bicas dos lagares e os alambiques, donde destila um combustivel a que o vulgo, na sua ignorancia crassa costuma chamar chá de parreira, vinho, briol e outras idiotices e a que só os entendidos designam com toda a propriedade por gazolina.

Esta gazolina vegetal que tem o poder sobrehumano de dar vida aos mortos e de insuflar novas energias no motor humano quando sabia e parcimoniosamente aplicada, presta-se também a favorecer as *derrapages* e os descarrilamentos quando uzada fóra dos preceitos legais, derivando dali a já consagrada frase tão popular e corriqueira:

— Oh! coiso, tu 'stás com dois dedos de gazolina.

«Dois dedos» é a medida maxima, para este genero de combustivel.

Se a comissão não naufragar nas experiencias e chegar a dar conta do recado, a viação acelerada no nosso paiz extinguir-se-ha, porque já se está a vér o que será um motor com dois dedos de gazolina, a correr desordenadamente, a fazer as por essas estradas cheias de covas: Hade ser uma coisa de caixão á cova.



— Mas então tu não ias para o Brasil?

— Sim, ia, mas agora como vai haver hotéis de luxo, vou para lá.

Inocencia...



— Não sei porque sera... Os velhos andam sempre atraz do mim. Terel cara de velha?

FUMI SUNRIPE

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

AQUELA já celebre revista, da autoria do J. B., F. B. e P. C. e destinada ao T. da T., tem dado que falar...

Por mais conferências que se realizem... não se chega a um acôrdo!...

Façamos um resumo das combinações feitas — segundo um rato de bastidores:

O início:

Contrato com a companhia da vedette mexicana E. S.

Dias depois:

Primeira reunião e ficou combinado: toda a companhia E. S., acrescida de alguns elementos de valor.

Dias depois:

Nova reunião: E. S. — Plumas da E. S. — Alguns artistas da E. S. e bastantes elementos de valor.

Dias depois:

Nova reunião. E. S. põe o caso a claro: ou a companhia toda ou nada. Resultado: Tudo por agua abaixo... Desfeito o contrato...

Dias depois:

Nova reunião. Resolve-se organizar uma companhia com o nome da C. U. — recém-chegada do Brasil — á frente. Chama-se a C. U., que já tinha comprado passagem para voltar ao Brasil. Não parte. Fica. Vai a Paris comprar *toilettes*. Volta...

Dias depois:

Nova reunião. Tudo por agua abaixo... C. U. compra outra vez bilhete e volta para o Brasil...

Dias depois:

Nova reunião. Resolve-se chamar o Amar... Fica assente ser a sua companhia que interprete a revista...

Dias depois:

Nova reunião. Amar... começa a discordar... põe condições... quer outro título para a revista... talvez o primitivo — «Queijo saloio»... quer outra organização... etc...

Dias depois:

Nova reunião. Diz-se cá fóra que o Amar... desiste... ou fazem-no desistir... e diz-se tambem que foi tudo novamente por agua abaixo...

Ultima hora:

Confirma-se a saída do Amar... e vai organizar-se outra companhia...

Que «ababilonia»!

Se isto não é verdade... o nosso amavel rato de bastidores é que tem a culpa!... Se não foi assim... foi quasi... o que vem a dar na mesma...

■ ■ ■

A NOVA peça do T. do G. intitula-se «R. U. R.» Como poucos — muito poucos mesmo — sabem o que querem dizer essas iniciais, logo um *blagueur* comentou:

— R. U. R. — mexilhão!

■ ■ ■

UM éco teatral anunciava o seguinte:

«A peça francesa «Topaze» representar-se-ha no T. da T. com este mesmo título»...

Com o mesmo título? Então nem isso traduzem? Assim não vale... oh R. C. I.!

■ ■ ■

AQUELA frase final do actor V. S. na revista carnavalesca do «São L. C.» lembra-me aquele dito diario dum colega nosso, ao passar pelo chefe da redacção dum notavel semanario humorístico:

— Ora viva a boa graça portugueza...

■ ■ ■

PARECE impossível... mas é verdade! Ha vícios que se admitem e outros que são humanos... Mas o vício de não pagar é que ainda não está classificado!

Naquella companhia onde só recebem



Cremilda de Oliveira, é uma das nossas mais brilhantes estrelas de opereta e vaudeville, que tão depressa é duquesa «Xenia»... da Russia, como é garoto da Ribeira... do Porto. Em tudo é uma artista que as contingencias de momento tem feito com que esteja arredada dos teatros de Lisboa...

os privilegiados... dão-se coisas extraordinarias!

Que se não pague aos artistas, aos carpinteiros, ás costureiras, aos músicos, aos porteiros... não está bem, mas compreende-se — se não houver dinheiro... Mas deixar de pagar ao homem do burro... que é como quem diz... ao proprio burro que entra em scena — é o cumulo!

Que culpa tem o burro? Deem-lhe ao menos para a palha...

■ ■ ■

NAO fomos só nós que comentámos a graça das peças e revistas do Carnaval. O nosso colega «A V.» tambem escreveu o seguinte:

«Já repararam como, nas proximidades do carnaval brotam, como escalracho, as peças «chetas de graça»? Não importa que as anedotas extraídas em scena tenham sido extrahidas, sem dor, ao Almanaque de Lembranças, que o enredo estafado tenha sido, mesmo assim, adaptado, vertido ou invertido de qualquer paspalhão sueco, alemão ou espanhol.

O facto é que os jornais amigos, no dia seguinte, acham que aqueles rapazes que fizeram (sic) a peça tem muito boas larachas e que os engraçados comediotgrafos, no fundo, abominam os jornais e jornalistas e até aquele maldito teatro estrangeiro onde se caçam umas coisas tão a proposito para adaptação, versão ou imitação tão arqui-liberrima.

E tudo se lhes perdôa só pelo engraçado que são e pelas boas larachas que arranjam para fazer córar os porteiros da geral.

O nosso inteiro aplauso. Não ha direito de ter feito rir tanto as plateias. E depois queixam-se de que o publico vai todo para os cinemas...

■ ■ ■

AS SOGRAS continuam a ceiar no T. P... e julgamos que a comer bem... Parece que se arranjou outro, filão como o do domador das ditas... Se é a palavra sogra que dá sorte — ou que julgam dar — ahí vamos ter, por esses teatros fóra, títulos de peças com sogra de todos os feitios:

O amor le sogra — A sogra ideal — O genro e a sogra — A minha sogra — A sogra do meu cunhado — Um que nunca teve sogra — Sogra ao natural — Não cases com sogra — A prana das sogras — Sogra ao almoço, ao jantar e á ceta — Uma sogra que parece mãe — A morte da sogra — Mulher e sogra, etc., etc.

■ ■ ■

PORTUGAL é o país das alcunhas. Em teatro, então, abundam.

Ouvimos, ha dias, chamar á actriz-cantora de fados A. F., a nossa artista que maior propaganda tem feito da canção nacional no estrangeiro, por intermedio dos numerosos discos que tem gravado: «a senhora disca»...

A. F. — que não tem contrato em qualquer companhia de revista — vê-se obrigada a andar pela provincia, sujeita a perder a voz... pois que os hotéis por esse Portugal são o que nós sabemos, com respeito a conforto...

Porque não contratam A. F.? Não se compreende... ou por outra, compreende-se muito bem... Falta-lhes o *savoir faire* do officio...

■ ■ ■

UM velho actor, pouco seguro duma scena qualquer, que metia um beijo, disse para a ingenua da peça:

— Oh menina, é melhor ensaiar outra vez a scena do beijo, não lhe parece?

— O quê? O senhor, com essa idade, ainda precisa ensaiar uma coisa dessas. Pois olhe, eu que sou quasi creança, estou bem segura do que hei de fazer!

■ ■ ■

NO T. P. andam mosquitos por cordas... As duas familias não se entendem por causa da avósinha...

— A avósinha é minha — diz a A. A.

— Não é tal, é minha — diz a M. M.

Afinal de quem é a avósinha? Vejam no que ficam, porque o pai P. está á espera da resposta... e com ele não fazem «farinha»...

■ ■ ■

O Chab... já no vai para o Od... Dizem que não sabe no palco. Agora consta que vai para o T. A. Caberá nos corredores?

■ ■ ■

O T. N. está em praça... Começam as correrias para o ministerio...

— Quem quer aquele osso?

Embora seja duro de roer, os pretendentes não faltam... Fala-se até em combinações... junção de grandes nomes... elencos apreciaveis... repertorio escolhido...

O tempo dirá... E' esperar...

■ ■ ■

MORTO o Carnaval, poucas companhias ficaram a funcionar... Já fecharam dois teatros... e estão em vespas de encerrarem as suas portas mais três... Por outro lado, organizam-se novas companhias... O mundo é assim:

Rei morto, rei posto.

O Homem das 5 horas

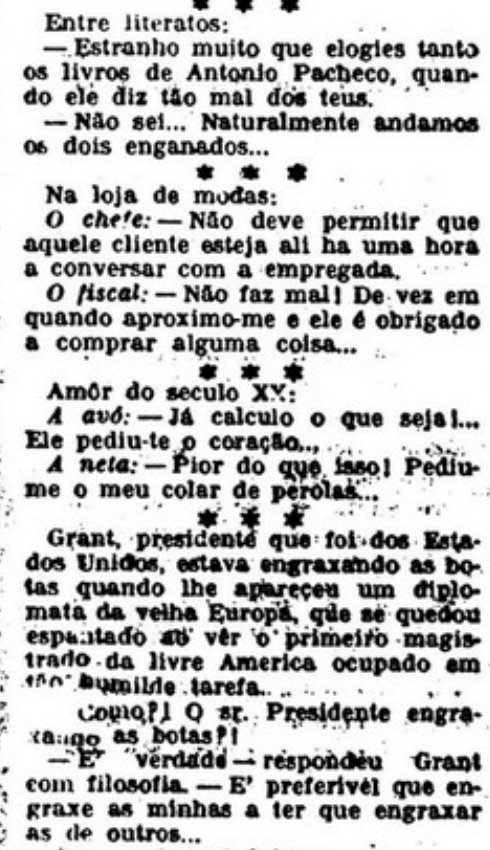
W. V. A. LAMINAS PARA BARBA

UMA SARRIPE

Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.

BOM HUMOR

Na aula:
O professor: — Diga-me duas coisas opostas.
O aluno: — O riso e o choro...
O professor: — O que separa o primeiro do segundo?
O aluno: — O nariz!...
 * * *
A mãe: — Que tal, os exames?
Manuelito: — Muito bem, mamã! Deram-me um premio de memoria...
A mãe: — E onde está o premio?
Manuelito: — Esqueci-me dele lá na escola!...
 * * *
Entre amigos:
 — O livro que estás a ler termina bem?
 — Muito bem! Ha um divorcio. No ultimo capitulo concedem três contos de réis de alimentos á heroina.
 * * *
 — Ha muitos analfabetos nesta vila?
 — Nem por isso! Abundam mais os Manueis, os Antonios e os Afonsos...
 * * *
A creada: — A senhora saiu e esqueceu-se de deixar o dinheiro.
O credor: — Como sabe você isso?
A creada: — Porque ela acaba de m'o dizer...
 * * *
Entre literatos:
 — Estranho muito que elogies tanto os livros de Antonio Pacheco, quando ele diz tão mal dos teus.
 — Não sei... Naturalmente andamos os dois enganados...
 * * *
Na loja de modas:
O chefe: — Não deve permitir que aquele cliente esteja ali ha uma hora a conversar com a empregada.
O fiscal: — Não faz mal! De vez em quando aproximo-me e ele é obrigado a comprar alguma coisa...
 * * *
Amor do seculo XX:
A avó: — Já calculo o que sejal... Ele pediu-te o coração...
A neta: — Pior do que isso! Pediu-me o meu colar de perolas...
 * * *
Grant, presidente que foi dos Estados Unidos, estava engraxando as botas quando lhe appareceu um diplomata da velha Europa, que se quecou espantado ao ver o primeiro magistrado da livre America occupado em tão humilde tarefa.
Como?! O sr. Presidente engraxando as botas?!
 — E' verdade — respondeu Grant com filosofia. — E' preferivel que engraxe as minhas a ter que engraxar as de outros...



— Por quem andas de luto?
 — Por meu sógro, que morreu ha oito dias.
 — Um homem to novo ainda! Estás de certo inconsolavel...
 — E vê tu se não tenho razão: ainda ficou minha sogra...
Sortes grandest
 só o **PINA** se vende
75 - Rua de S. Paulo - 77
Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

TAC-TAC-TAC

HISTORIA... MUITO NATURAL

Sim, senhores. Muito natural! E esta assim se chama, não só porque de insectos se trata, como porque, tambem, pelo que, ao que adiante se verá, o que nela se contém é tão quanto de mais natural existe nestes tempos abacabantes do triunfo crescente e rugente do Feminismo. Isto porque, do Bicharoco de que vou occupar-me, sol dizer-se, semelhantemente, o que se diz da Mulher, a quem quotidianamente endereçamos os maiores elogios e dedicamos os mais ardentes madrigais.
 E esta dona alada, de que lhes vou falar, exactamente como qualquer Mulher, procede, em bom numero de casos, exactissimamente como Ela (com E muitissimo grande).
 Senão, vejamos: Dizem os hodleros classicos (que ora velam superiormente pela pureza do idioma nacional, escrevendo para que, no teatro, o vulgo aprenda a bem-falar o português vernáculo) que *«a mulher nos come a pinha»*.
 Ora é tambem isto que se dá com o insecto em questão, com que travaremos agradável conhecimento, se me derem licença. A *bicheza*, de que me vou occupar adiante, tambem *come a pinha ao Esposo*.
 De resto, as suas parecências com a Mulher moderna são evidentemente imperativas.
 A Mulher é elegante?... — Ela tambem o é. E' perversa na sua forma de amar?... — Este bichinho tambem.
 Então que bicho é este?
 Tubarão? Jacaré? Simples mamífero como uma qualquer sogra alantada e embirrenta?... Nada de hipochama-se muito simplesmente a teses menos honestas. Este bicharoco chama-se muito simplesmente a *«Louva-a-Deus»*. Calculem agora se lenho, ou não, razão de sobra para o comparar á Mulher...
 O seu nome o indica: — *«feminhas spanças, ar de santinha, pura expressão da fragilidade feminina. E, no fim de contas, o que nos sai esta senhora tão devota?»* — Uma autentica e refinadissima cabra, querendo trapregar a linguagem dos salões cãibis.
 Leve, apenas; sim; ligérrissima differença nota o naturalista, que em meu intimo dormita, entre a sedutora descendente de Eva e não menos donatessa *Louva-a-Deus*.
 E' que, enquanto á Mulher chamamos comumente *Anjo*, mas não lhe vemos as azas, á *Louva-a-Deus* não lhe chamamos nada disso, mas vemos-se-lhe bem as azas e ela avoa.
 Estas considerações sobre o insecto estranho, de que me occupo agora, foram-me suggeridas por uma pequena noticia do *Seculo Agricola*, em que se diz, sempre a proposito da *Louva-a-Deus*:
 «Este insecto — *Manthis religiosa*, L. — ao contrario do que mul-

ta gente julga, é util á agricultura: como especie de alimentação exclusivamente insectívora, destrói muitos insectos nocivos ás vinhas, aos prados e ás terras de sementeira, onde aparece com frequência.
 A gravura mostra claramente a voracidade com que a *Louva-a-Deus* está devorando um gafanhoto.»
 E lá vinha, na gravura, uma *Louva-a-Deus* encarrapitada num flebil tronquinho de tenro arbusto, segurando, num grande *chi-coração*, um desgraçado gafanhoto, a que o *util insecto* saboreava os miolos, como qualquer estadista, no *Leão de Ouro*, faria ao touthico dum carneiro, á falta de ter á mão o de passivo contribuinte.
 Mas eu, que já não vou nas lóas dos sabios meus contemporaneos, reporto-me para o effeito ao que, num dos seus maravilhosos livros, me contou um celebre naturalista francês que dava pelo nome de Fabre. (Não confundir com o Faber dos lapis).
 Esta beleza de bicharoco, de nome tão melifluo e teologico, encobre-se na *manta religiosa* para fazer das suas. (Eu sempre tive um grande azar ás beatas!)
 Assim, quando lhe chega a idade de ser senhora, lá vai toda segura de si mesma (*quem tem capa, sempre escapa*) balanceando a cabecinha atrevida e alçando os bracinhos ao céu, como quem pede protecção para a sua virgindade virginal.
 Como succede entre nós, a D. Manta finge que não dá nenhuma atenção a nenhum dos machos que lhe correm atraz e aos quais, com muita propriedade, poderemos chamar os *«Louva-te-Deus»!* — com muita exclamação.
 Mas tanto um qualquer destes insiste e diz coisas bonitas que a D. Manta acede.
 Nesta altura, dá-se sempre aquillo que Mestre Falho chamava — *«a descarga dos fluidos»* — e é nessa altura que o *Manto* se sobrepõe á *Manta*.
 Até aqui, tudo isto é naturalissimo. E' até muitissimo humano.
 O pior é que a tal D. Manta, logo que se apanha servida pelo marido, não está com meias medidas e — zás! — volta-se para o macho e trinca-lhe a cabeça.
 Trinca-lhe a cabeça, papa-lh'a muito bem papada, devora o seu apaixonado Romeu e fica-se, *muito religiosa*, a fazer oração pelo defunto.
 Dito isto, com toda a franqueza: — ela será muito util á Agricultura; mas é absolutamente prejudicial aos nossos bons costumes.
 Basta o que basta! Nada de maus exemplos!...

Cirano de Volheirac.

Questão de virgulas

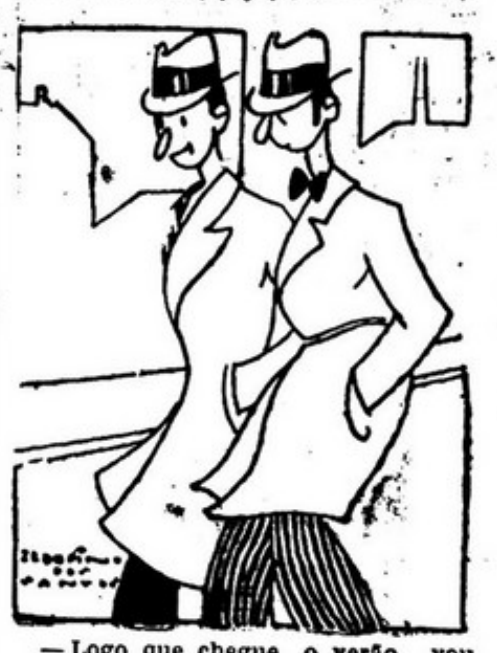


— Vá ao quintal, e traga a cadellinha, preta.
 — Pronto, aqui está a cadellinha, branca!

Riso amarelo

O momento internacional, justifica esta anedota, que tem um sabor de flagrante actualidade:
 E' sabido que o Papa Pio VII, Gregorio Barnabé Chiaramonti, para se congratuar com Napoleão, aceitou assinar uma concordata com a França, facto que produziu grandes protestos na Europa, onde se tornou celebre a frase que surgiu da propria Roma: *«Pio VII, para conservar a Sé, perdeu a fé»*.
 Pouco depois, fez o Imperador com que o Pontifice fosse a Paris consagrado, pretensão a que Pio VII tambem acedeu, atraindo o odio de todas as testas coroadas da Europa.
 Dois annos depois, começaram as discussões entre o Imperador e o Papa, por este se negar a entregar ao primeiro os subditos russos, ingleses e suecos que residiam nos Estados pontificios. Estes foram anexados á França e Napoleão foi excomungado, depois de ter occupado Roma militarmente.
 Pretendendo atemorizar o Papa, enviou-lhe o corso um official portador dum ultimatum. O militar penetrou insolentemente na camara do Santo Padre, quando este ceava um magro peixe com verdura.
 Escutou o Papa, pacientemente, as bravatas do enviado e respondeu:
 — Senhor: um soberano que para viver não necessita mais de que um escudo diario, não é homem a quem se intimide facilmente!

* * *
 O poeta Nepomuceno Mercier era um grande humorista, cuja fama correu durante os anos da sua juventude e de cujo eclipse se vingava com sangrentas frases sempre que se lhe offerecia occasião.
 Uma noite, quiz assistir a uma apresentação do grande Talma no teatro Francés; mas a aglomeração de publico foi tal que só pôde conseguir uma cadeira na cortia.
 Minutos depois de estar sentado, chegou um gigantão fardado que se collocou deante do seu lugar.
 — Perdão, cavalheiro — disse Mercier — não me deixa ver nada.
 E, como não obtivesse resposta, insistiu:
 — O senhor é surdo?
 O official dignou-se então responder:
 — Sabe quem eu sou? O official que levou as bandeiras a Italia!
 — E' possível — respondeu Mercier.
 — Tambem um anno levou Jesus a Jerusalem...



— Logo que chegue o verão, vou mandar cortar o cabelo á escovinha.
 — Mas olha que ficas muito mal com o cabelo cortado...
 — Não importa; comprarei um chinó.

W. V. A.
LAMINAS PARA BARBA
FUME SUNRIPE

Elevador da Gloria No ecran do "Fixe"

D. Tancredo, alto e possante, bigodes eriçados, a tez morena, os olhos vivos e brilhantes, parecia um ferra-brax.

Usava uma bela capa sevilhana, forrada de veludo e debruada de seda, que se deixava arrastar pelo chão, realçando assim o seu corpo varonil.

Um dia — a scena passa-se em Sevilha, de viseira orgulhosa, entrou num café. Sentindo ou fingindo que lhe tinham pisado a capa, gritou colérico e ameaçador:

— Quem pisó la capa?
Como ninguém respondesse, ergueu mais a voz.

— Yo pergunto quien pisó la capa?
O mesmo silencio. Mais arrogante e mais forte, já investindo para as pessoas que lhe estavam mais proximas, de novo perguntou:

— Yo estoy preguntando quien pisó la capa?!

Um rapaz, ofendido no seu amor proprio, levantou-se disposto a castigar o insolente provocador.

— Fui eu, seu idiota!

E D. Tancredo, numa voz docil e humilde:

— Entonces non se puede ni preguntar?...

Antonio Boavida ha um ano que estava sem emprego. Como a fome tem ideias salvadoras, um dia, ao passar em frente duma obra, apanhou uns punhadinhos de cimento, encheu com ele diversos cartuchinhos e pôs-se a vendê-los como pó de matar pulgas. Um dos fregueses interpeleou-o:

— Mas isto dá resultados?
— Maravilhosos!
— E' como se emprega?
— E' muito facil. O fregues agarra a pulga entre o polegar e o indicador. Abre a boca ao insecto e fá-lo engulir e pó. A morte é instantanea.
— Mas se tenho a pulga entre os dedos, o mais facil é matá-la com os dedos...
— Ou isso...



— Eis aqui a primeira granada que rebentou no «front».
— E esta outra?
— E' a mesma antes de rebentar.

Votes grandes?
só o P. I. N. A. se vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

FUMEE SUNRIPE

Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.

Um telegrama chegado d'Inglaterra, — dos mais sensacionais — a todo o mundo berra:
— O Rei já está melhor! Já lê jornais!...
Ao ler isto, pensamos com tristeza se não era melhor para o soberano abster-se do vicio da leitura, p'lo menos mais um ano!
Pois se começa a ler o que escreveram sobre a sua doença, jornais de todo o Mundo, deve ser tão profundo o abalo que o vcoça que peora talvez e passa a estar doente novamente, mas doído, desta vez...

Nas Belas Artes abriu da T. S. F. a exposição que vai levar a esplendida invenção ás mais remotas partes!
Todas as tardes, além dos artistas que tocarão no «chá», ouvir-se-ha numa voz que é tão grata aos semfillistas:
— Fala P. I. AA!
E enquanto neste esplendido salão a exposição perdura, Tom e Augusto estão dando uma audição de desenho e pintura...

Em casa das Mesquitas (umas lindas morenas que são doídas p'las fitas e adoram as verbenas...) o baile da Pinhata foi falado! Houve ceia, audição de grafonola e até se vomitou p'ra lá o fado, com acompanhamento de «Viola»!
Não admira! Todos sabem já que é sempre assim brilhante a festa sua, que um convite p'ra tal ninguém fejeita, pois, por informação de quem vai lá, são quem faz a Pinhata mais bem feita em toda a Rua!

Vai calar Lindbergh! Com ansiedade, já todo o mundo segue com ardor mais esta colossal temeridade do celebre aviador!
E muito solteirão ha de dizer, de modo que se ufane!
— Ninguém ha que se livre duma panne, ... nem mesmo um campeão!

Escrevemos isto com pesar e dó e já seguindo outra noticia vem!
P'ra provar que um azar nunca vem só, a mãe de Lindbergh casa tambem!

Anibal Nazaré.



O amor é cego...

O que será 1929?

Mademoiselle Fósquinhas é uma grande pitonisa. As suas previsões são mais que certas. Se madame Thébes ressuscitasse, teria que fugir envergonhada ante o poder da vidente.
Pois, Fósquinhas, que tem a Ordem de Santiago, assentou arraiais em S. Pedro de Alcantara, donde acaba de conceder uma entrevista ao grande rotativo *Diário de Todas as Novidades, Presentes e Ausentes*, em que afirma que durante o corrente ano dar-se-hão grandes acontecimentos políticos em todo o mundo.

A mulher — claro está! — conseguirá uma emancipação maior, tirando, por completo, o direito, moral e civil, aos homens.

Haverá barateamento em todos os generos alimenticios. Inaugurar-se-ha colenemente a estatua de Pombal e a parte sobre o Tejo. Diminuirá o preço dos chouriços, engraxados e por engraxar, dos grãos, da abobora meiga, da cravo cabecinha, da calda de tomate, de açafraão, do bacalhau — Oh! que amigo! — da geropiga —

sem piada ao Stuart — das panelas de cobre e aluminio, do peixe espada — Livro! — do salmonete, mesmo de Setubal, e dos rabanetes saloios.

Haverá dez terramotos de grande violencia, ficando apenas de pé o Poço do Bispo e o Frontão.

Continuará a lansa nos *dancings* a toque de caixa ou de timbales, porque o *jazz-band* regressará á sua terra natal: a Africa.

Tornar-se hão publicos varios escandalos financeiros e verificar-se-ha a rigorosa fiscalização da manteiga, da graxa, do leite, do queijo, do vinho e do pirolito, a fim de que o povo, que não deve nem pode pagar mais, possa pôr de parte a mais leve suspeita de falsificação.

Assim fala Fósquinhas — a mulher de todas as virtudes e de todos os meios para fazer convencer a humanidade de que, sendo filha do Arco Cego, se amancebou, pois é mulher moderna, com a Boa Vista!
Que belo 1929!!!



Pecado mortal

Numa pequena vila provinciana, era a senhora Carlota Malaquias irmã de todos os santos da corte celestial e mordoma de todas as festas que a eles se faziam. Era catolica-apostolica-romana, quasi careca, apenas com uma escassa duzie de dentes, passando ha muito dos 80 anos.

O padre da terra, que ela enchia de mimos de todas as espécies e feitos, vivia unicamente á sua custa.

A sr.ª Carlota tinha um defeito: o de ser atrozmente massadora.

A sua vitima permanente, claro está, era o padre, a quem ela, para a salvação perpetua da sua alma, se confessava todos os dias, porque temia morrer sem absolvição. Ela recebia a hostia com os olhos em alvo sem pestanas e de joelhos em terra, na mais ridicula das posturas.

Um dia, depois de confessá-la, afastava-se o padre da igreja, muito socegado, quando foi abordado pela sr.ª Carlota, que, num estado de nervosismo indescritivel, lhe pedia que de novo a confessasse, porque se esquecera de lhe dizer um pecado atroz que cometera, talvez um pecado mortal.

O padre, muito massado, temendo desagradar-lhe, acedeu e, chegado ao confessorario, ouviu a sr.ª Carlota, entre um grande choro e protestos, dizendo:

— Sr. padre, estou muito aflita porque ontem á noite sentei-me em cima dum capacho...
— Então — replicou o padre — e o que é que tem isso?
— Tem muito, sr. padre, tem muito, porque eu sou uma mulher honesta.
— Mas não entendo — fez o padre.
— E' que capacho é macho, sr. prior.
— Olhe, sr.ª Carlota, vá á fava, vá á java, porque fava é femoa... — concluiu furioso o padre, abalando pela porta fóra.



Um menino que se dedicou a decifrar um problema de palavras cruzadas.



— Obrigado, mamásinha, obrigado por me teres comprado um Klaxon...

W. V. A. LAMINAS PARA BARBA

O CLARO-A'S-ESCURAS DESANIMADO

O "ANIMAS" DO "FIXE"



Por sucessivas faltas de espaço, só hoje sai a lume a crítica ao segundo dos dois filmes a que nos referimos na ultima pagina cinematografica do *Fixe*.

Dir-me-lão que já vem um pouco fóra de horas...

E' falso! Se os cinefilos aguardaram sete anos, como Jacob, a visão da obra de Robert Wiene, podem perfeitamente esperar quinze dias pela sua desopilante apreciação.

E passemos ao «Gabinete», ou seja: ao

«Caligari é pequeno»

que tantos engulhos causou ao publico alfacinha.

O Central transformara-se em manicómio. Depois das *pirutices* da Lillian Harvey, que ou tem pancada na mola ou parafuso a menos no encefalo, depois das *harryhalmófilas* terem perdido a cabeça ao vêr o Harry Halm em cuecas, appareceu um grande letreiro increpando o publico cinéfilo:

«CALIGARI!... Não vás mais longe! E os quinhentos e não sei quantos cinéfilos puros e impuros que enchião a sala começaram a cair de surpresa em surpresa.

Começou por apparecer um parsinho de marmanjões, com todo o ar de utilizadros natos. Um deles, de *Lavaliere* e vestido de preto, até parecia um homem que todos nós bem conhecemos, que não veio de Braga, mas que se chama Lourenço. O outro tinha acabado de lhe contar uma historia que o publico, felizmente, não ouviu. Mas o Fritz Feher ouviu-a e, para não ficar atraz, contou logo outra. E então é que foram elas! Na historia havia, pelo menos, um maluco.

Quem era o maluco?... Quem não era o maluco?... O publico perdia-se em conjecturas. Seria o Caligari?... Seria o homem que pintou as legendas?... Seria o Conrad Veldt?... Seria o publico?... Seria o Julio Canhão?... Se calhar era o réclamista!... E daí talvez não fosse...

O publico, primeiro, julgou que estava grosso. Depois que o queriam levar ao engano. Depois que estava com alucinações ou a ouvir uma conferencia do Almada em 1921. E acabou por ir para casa tomar Veramon e pôr compressas frias na cabeça.

Felizmente que, no final, o Fritz Feher resolveu revelar-lhe a chave do enigma, exclamando pela pena do legendista:

— Quem está doído... é o realizador!

E o Werner Krauss, que tinha ido lá dentro lavar a cara, pôs os olhos, cofiou a cabeleira e declarou confidencialmente, numa legenda que o sr.

— O que ele está é bêbedol!... Zero-virgula-zero-cinco por cento dos espectadores saiu delirante, contaminada pelo delirio dos interpretes, cochichando que quem não gostava era estúpido ou fazia-se.

Se aquilo tudo era cubismo! Mas os outros saíam ululantes, resmungando pragas á Ufa, por terem pago sem... ufar, e asseverando que, se a fita era cubista, o sr. Robert Wiene podia perfeitamente limpar o cubo á obra — e a mão á parede...

Retardador

FUME SUNRIPE

O "bal masqué" da "Imagem"

Eu sempre fui um grande folião! Chegando o carnaval, tiro-me dos meus cuidados, alargo os cordões á bolsa, compro um lança-perfumes, uma alcófa, um nariz de papelão — e, tal como a D. Constança, não ha festa nem dança a que não vá.

Mas, ainda que fôsse o mais pacato de todos os pacatos, não teria faltado certamente ao grande *bal masqué* que, terça-feira de Entrudo, se realizou nos salões da grande revista *Imagem*, promovido por um grupo de cinéfilos e oferecido a toda a imprensa cinematografica.

Os homenageados compareceram em péso, acompanhados por todos os empregarios, distribuidores, representantes, operadores e mais acolitos da grande seita. Só o Calisto não foi — para não encalixtar a festa. E eu, embora não pertença á *claxista*, — que aliás conheço de gingelra, no meu quintal... — lá consegui também imiscuir-me, embora a custo e só com empenhos do Vasconcelos e Sá.

Além de *masqué*, o baile era *costumé*. Eu, porém, contentei-me em ir de dominó, disfarce que tem a grande vantagem de servir para os dois lados. Mas todos os outros *convivas* trajavam a rigor, envergando os mais imprevisos *costumes*, o que dava á sala um animado e originalissimo aspecto.

Entre a numerosa assistencia, reconhecemos logo o Retardador, mascarado de *Assistente*, de *pull-over* e megafone em riste. Esteve toda a noite de cocoras e não largava o canudo nem á *lei da rôlha!* A seu lado vimos: Leitão de Barros, lamentando-se por não ter conseguido aranzar um fato de pescador da Nazaré, e que estava em manguiñas de camisa e de monoculo, a fingir que era o Fritz Lang, só para não contrariar o que se diz; Chianca de Garcia, com uma estranha fatiota de fantasia, que ele teve a bondade de nos dizer o que significava: a *Alegoria do Cinema Classico*. Perto do grupo, o Montalvor estava irreconhecivel, de *Colossus*, e flirtava descaradamente com a *Catalinofila*, só para fazer ciúmes á *Hei-de casar com John Gilbert*.

Mais adiante, o sr. Correla de Barros, vestido de *Ben-Hur*, ao lado do sr. Anastacio, de *Messala*, conversavam com o sr. Monteiro Pinto, que aproveitara o bigode para se mascarar de *Cavateiro do Amor*, e com o sr. Chagas Roquete, que estava mesmo a matar, de *legendista*, e que, de vez em quando, largava uma piada roubada ao *Senhor roubado*. Verdade seja que ficava tudo em casa...

Carlos Abreu tambem não estava longe, trajando de *Martir do Calvario*, ao passo que Castelo Lopes ia de *Primavera*, o Almeida de *Charlot*, Raul Lopes Freire de *Espião da Ufa* e Raul Lino de *Seleccionador*.

Junto do bufete, O'Donnell e Sabino, inseparáveis e impagáveis, de *Pat e Patachon*; e, no mesmo grupo, Salm Levy, vestido de *Shylock*, Alcantara y su Pariente, respectivamente mascarados de *Alcantara-Mar* e de *Alcantara-Terra*.

Certo gerente da rua Braamcamp trazia umas azas (com z...), a fingir que era uma santa pessoa, e fartou-se de dançar o *Está tudo ás escuras* com uma revisora, muito bem disfarçada de *Esther Ratston*.

Um seu empregado, de raça atravessada, andava com um disfarce híbrido: os olhos do Harold, a gardine do Pamplinas e as trocabas do Mamarracho.

Rino Lupo, de *loupe*, envergava a casaca dos momentos solenes e ghefiava uma cégada de bigodosos, que iam do *José do Telhado* ao *Marechal de Saldanha*. O pior é que, depois da ceia, as coisas iam-se azedando, por causa das patilhas do Azelo, que atrazaram a digestão ao *Retardador*...

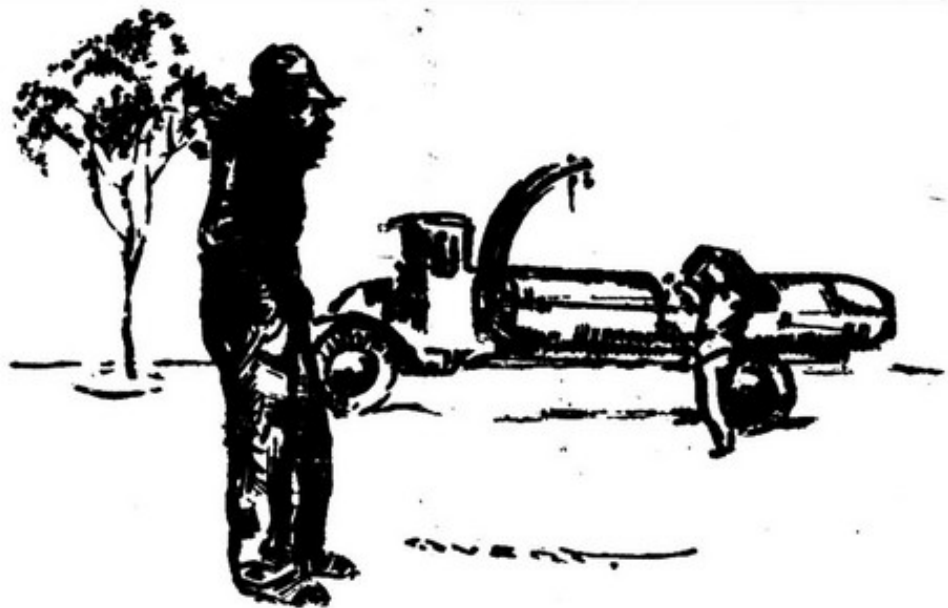
Figueiredo vinha vestido ou, melhor, despido de *Josefina Baker*. E Ipres mascarado de si proprio, com a competente chavená.

A meio da noite — porque não é *chic* — apparecer á horas... — appareceu o Antonio Lourenço, de gato-pingado, ao que parecia. Perguntou-se, como na ultima corrida de toiros em Salvaterra: — «Porque virá o Lourenço quasi de luto á festa?...» Mas quando ele, avançando, recitou a critica da *Ber-Hur* que publicou no «Espectaculo», todos compreenderam: vinha mascarado de *Critico Cinetografico!*

Com ele, entrou um ancião roliço, travesti de *Cinéfilo* e trazendo pela mão um bando de pelizes, todos de bibe e a chuchar no dedo, que deram a nota infantil indispensavel, pois de cinco em cinco minutos bradavam em coro: — «O' vôvó!... Eu quero ser jornalista!...» E o mestre, ao vêr sorrindo aquele bando imbele, ia ensinando a este, la emendando aquele, de manso, com carinho e paternal amor — como no «Estudante Alsaciano».

Havia tambem um *conviva* mascarado de *Pim*. Mas não consegui saber quem era.

Roga Befe



— Até o lixo já anda de automovel. Eu já nem lixo sou!



SONETO

Deus-Cinema, meu amo e meu senhor,
Tu que foste servido de me dar
Mil caras para eu representar,
Enchendo toda a gente de terror!

Atende, ó divindade, por favor,
Para vêr se consigo socegar,
Aquilo que te peço, a soluçar,
Co'as mil caras banhadas em suor!

Volta a fazer de mim o que era dantes
E introduz pequeninas variantes
Nas caretas da minha colecção!

E acredita, meu Deus, que é preferível
Abordar uma *estrela* inacessível
Com dois braços — e apenas um *cardo*...

Callistófilo

O grande fenomeno

Fui ontem ao São Luis
Vêr um maneta com braços!
Quando voltei para casa,
Encostei a fronte ao pé...

Como toda a gente diz
que o Chaney é bom actor,
perdendo ao dinheiro o amor,
fui ontem ao São Luis.
Li tudo o que o Chagas quiz
mas, após breves compassões,
vi-me em sérios embaraços
por via do «paradoxio»
que ainda me traz obnoxio:
vêr um maneta com braços!

E' uma coisa que arraza
o vêr a Crawford nua!
la aos *esses*, pela rua,
quando voltei para casa!
Nem um grãosito na aza,
nem um litro de agua-pé
provocam o balancé
que eu trouxe lá do cinema!
E a matutar no problema
encostei a fronte ao pé...

Pathé-Talagro

W. V. A.
LAMINAS PARA BARBA

Quereis dinheiro?

Joga! no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!

Cear alegremente só no
Solar d'Alegria.



A segunda volta do campeonato de foot-ball

O início da segunda volta do campeonato de foot-ball de Lisboa deu quatro resultados um tanto ou quanto misteriosos...

Dentre eles, porém, o da derrota do Benfica por 3-6 foi o que mais passou as gentes!

A maior vítima dum tão infausto acontecimento foi o goal-keeper Jacinto. Não lhe bastava ter sofrido seis goals! Mas ainda certos amigos do seu Club o vieram criticar em termos perfeitamente arripantes. Basta de tanto sofrer...

Eram muito interessantes de ler as críticas desse sensacional encontro Belenenses-Benfica.

Uma delas abria assim:

«Para os prognósticos não contam nunca as incidências da luta.»

Chama-se a isto: filosofia amarga. Mais abaixo:

«... Se foi quasi assim que o Belenenses ganhou, foi inteiramente assim que o Benfica perdeu.»

Parece uma conclusão de Mr. de la Palisse, mas não é.

«O Benfica teve ontem tarde nebulosa.»

Pois teve! E, entretanto, fica á espera, como os sebastianistas, que, numa manhã também nebulosa, surjam os jornais a referir que o Belenenses se espetou com um outsider qualquer...

Uma outra critica da luta entre azues e encarnados insere o seguinte:

«No campo de Palhavã corria com insistência que a ausencia de Guedes Gonçalves no team do Benfica se devia a uma questão de dinheiros com um seu colega da equipe.»

Ora vejam Vossas Excelencias aonde pode chegar a grandeza dum critico-tecnico de foot-ball!

Um dos factos mais notaveis dos

desafios iniciais da segunda volta do campeonato de Lisboa foi, indubitavelmente, o aparecimento de antigos jogadores substituindo os arbitros habituais.

Aconteceu que quasi todos os officiantes se houberam a contento do publico e mais partes.

E daqui resultou a ideia duma original e duradoura solução da já celebre questão dos juizes de campo.

São postos definitivamente de parte os antigos arbitros e definitiva-

mente substituidos por antigos jogadores. Quando, daqui a três ou quatro anos, estes ultimos se supozerem senhores do mercado e pretenderem autonomia, substituem-se outra vez pelos jogadores já retirados nesse espaço de quatro anos. E, como de quatro em quatro anos ha sempre um novo contingente de antigos jogadores, a questão está resolvida por omnia secula...

A exposição dos novos Chevrolet 1929 continua tendo um exito sem precedentes entre os amadores do desporto automobilista.

O publico entende que os novos seis cilindros, vendidos pelo preço dos antigos quatro cilindros — são dados...

E o Mendonça Alves vai fazendo affaires d'or...

Num exame de historia universal, o professor pergunta:

— Em que situação ficou Napoleão, depois da batalha de Wagram?

— «Campeão da Europa de todas as categorias!»

Diz um telegrama de Nova York que o espanhol José Lete derrotou por knock-out o seu adversario Vermont Branch.

Ora que admiração que, na terra da lei séca, o letig tivesse vencido o ver-muth!...

Rebola-A-Beia.



Continua-se a provar que a logica no foot-ball é uma batata

Duas anedoctas

Pereira: — Ora viva o meu querido amigo. Como tem passado?

Silva: — Mas... Desculpe... Não me recordo de si...

Pereira: — Ora essa. Sou o Antonio Pereira.

Silva: — Não me recordo... Desculpe.

Pereira: — Hom'essa! Então não se recorda de mim? Pois eu lembro-me perfeitamente da sua casa...

Silva: — E' natural... Mas eu, confesso: não me recordo nada de si... Não tenho a mais pequena ideia...

Pereira: — Então não se recorda que... até estivemos em Coimbra?...

Silva: — Que Coimbra?!

Pereira: — Sim, senhor. Até fomos ao Choupal...

Silva: — Tenha paciencia, mas não pode ser...

Pereira: — Palavra que me está a fazer confusão... E' perfeitamente a sua cara...

Silva: — Mas eu digo-lhe que não pode ser porque... porque nunca estive em Coimbra...

Pereira: — Nunca esteve em Coimbra?!

Silva: — Não, senhor... Já vê que está confundido com outra cara...

Pereira: — Então desculpe... Devem ser então outras duas pessoas muito parecidas... porque eu também nunca lá estive...

O pobre do caixeiro-viajante passara uma noite insuportavel, por isso que os percevejos, tendo achado ao seu corpo um certo sabor, não o ha-

viam largado durante toda a noite.

A' hora do almoço, dirigiu-se á dona do hotel e queixou-se com lagrimas na voz do que lhe havia sucedido.

— Deixe estar que esta noite vai dormir descansadinho — respondeu a asseadíssima dona.

Horas volvidas, quando o caixeiro-viajante voltou depois de fazer a praça, a dona do hotel, levando-o ao quarto, disse-lhe:

— Ora pode estar descansado, que esta noite já dorme socegadinho. Escaldei os ferros da cama, mudei a roupa...

Nisto, o hospede, para certificar-se da verdade, levanta a roupa. Vê um percevejo e exclama, aborrecido:

— Ora... ora... cá está um...

— Esse não faz mal... — diz a dona do hotel. — Esse não faz mal porque está morto...

O certo é que o pobre do caixeiro, apesar da affirmação da dona da casa, passou outra noite horrivel porque os percevejos não o largaram, naquilo prazeres de percevejo de sugar aos corpos e sanguinho mau.

Manhãzinha, a dona do hotel, entrando no quarto do hospede, perguntou-lhe:

— Então, dormiu bem?

— Muito bem... Não ha duvida...

— Eu não lhe dizia — voltou ela. — Pois se na cama só ficou um percevejo e esse estava morto... Já vê que não lhe podia fazer mal...

— Ah! Esse que estava morto não me fez dano... O pior foi os que vieram ao funeral...



— Uma pobre cosinheira acaba de ser atropelada.

— Oh! com os diabos! Com a falta que ha de criadas...

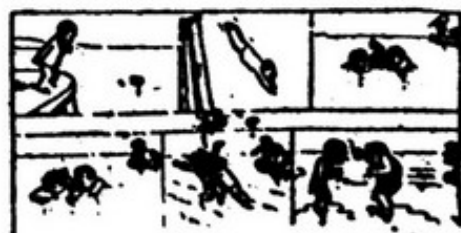


— Já sei porque falta a gasolina. Foi você que encheu esta manhã o seu acendedor.

Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.



— Mamããã, lá vem o papá outra vez com a bebedeira.

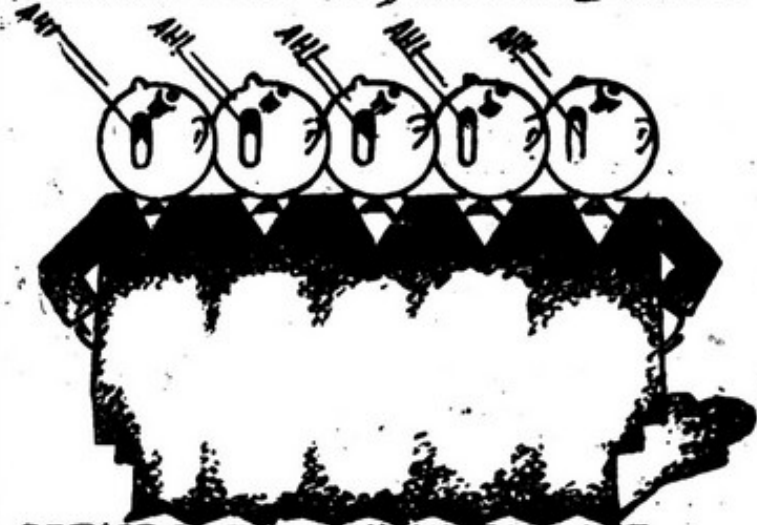


— Para que se mete você na minha vida. O que eu queria era atravessar a Mancha á nado.

W. V. A.
LAMINAS PARA BARBA

ECOS DA SEMANA

O ORFEO ACADEMICO DE LISBOA VAI
A SEVILHA PELO QUE ENTROU NUM GRANDE



PERIODO DE AHI AHI TIVIDADE -

REALISARÁM-SE ÉSTA SEMANA ALGUNS
BAILES DE
PINHATA...DA



NO CONCURSO DE BELEZA
EM PARIS,
A MISS HUNGRIA

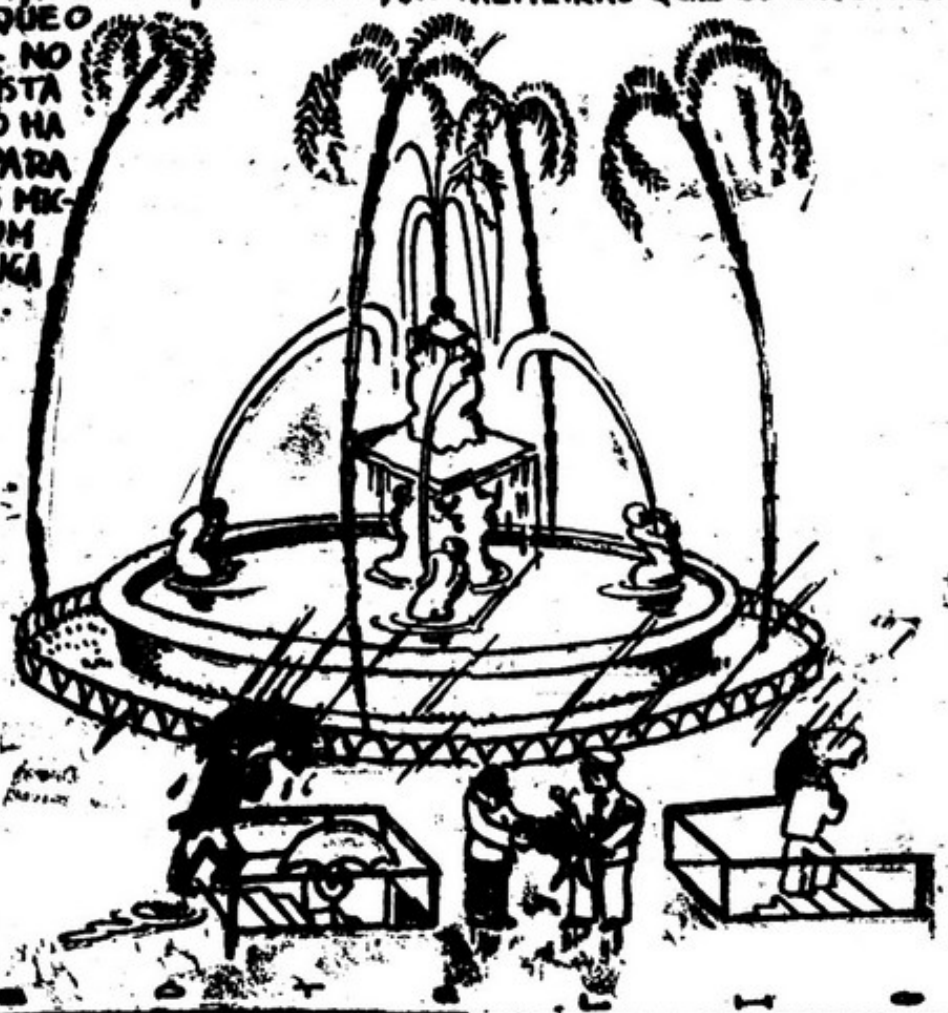


GUARDADO ÉSTA O BOCADO

DESEJA VEXA, FICAR NÓRASTENICO OU SÓCRASTENICO?
COMPRE UM APARELHO DE T.S.F.



SE O REGIMEN DE CHUVAS PROVOCADAS PELOS GRANDES LAGOS DO BRASILE
CONTINUAREM TEREMOS, EM BREVE, AS PALMEIRAS QUE OS CIRCUNDAM
MAIS ALTAS QUE O
D. PEDRO IV - NO
PONTO DE VISTA
ESTÉTICO NÃO HA
MELHOR - PARA
SERVICO DOS MI-
TORIANTES UM
ALMEIDA ALIKA
MALVAS.



OSCAR FRIED

UM GRANDE MAESTRO HEISTER
QUE ESTEVE NO TIVOLI -
APRECIOU MUITO OS MUSI-
COS PORTUGUESES, SOBRE-
TUDO, NA DON-
TUALIDADE.

QUANDO
HAVERÁ EM
PORTUGAL
UMA ORQUESTRA
A SÉRIO?
FAÇA-SE UMA
MUNICIPAL!

